

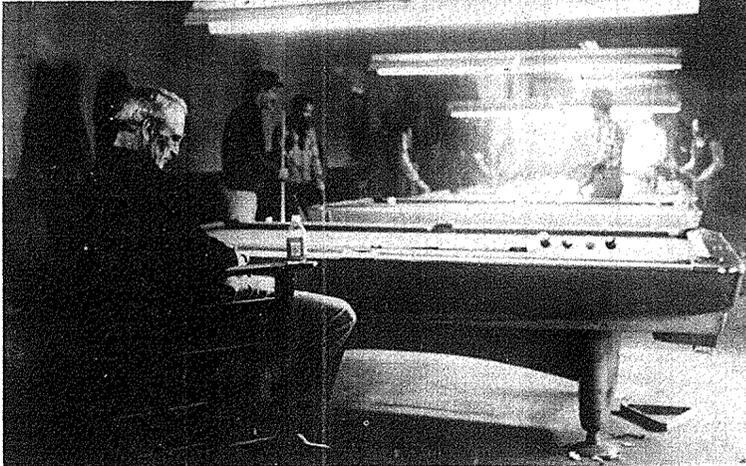
PCTR 0580

WANDERLEI POZZEMBOM



Hugo Rodas e Eliana Carneiro em Na Cama com Barthes. No novo teatro Le Corbusier. Página 3

ARQUIVO



A Globo exibe em Supercine A Cor do Dinheiro, o filme que deu o Oscar de melhor ator Paul Newman. A outra atração no elenco é Tom Cruise. Página 10

ADIOS

CORREIO BRAZILIENSE — BRASÍLIA, SÁBADO, 26 DE MAIO DE 1990

Fotos DIVULGAÇÃO



Milton e os índios Kampa: amizade e sonoridade difícil de guardar no espaço do tamanho de um elefê, segundo o cantor

Txai: amizade e beleza musical rio acima

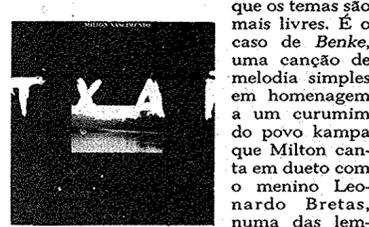
Mesmo com um irresistível tempero antropológico, o disco *Txai*, resultado do flerte de Milton Nascimento com os povos da floresta, vai além da simples aventura pela música silvícola. Desafiando melodias e acionando a usina rítmica da família Silva (Robertinho e seus filhos), o mineiro subiu o rio Juruá e incorporou os espíritos amazônicos à sua música, sem se entregar às facilidades da colagem ou da leitura maldigerida. O resultado é uma vastidão de sons de beleza ímpar.

Milton Nascimento consegue unir o cantocho primitivista dos índios com sua própria música de influências múltiplas com sensibilidade, sem a preocupação de ser didático. Neste ponto, *Txai* é bem superior a *Missa dos Quilombos*, disco de 1982, primeira experiência de Milton com os tons primitivistas. Mesmo a costura feita entre as faixas com vinhetas gravadas nas tribos faz o disco pender para o folclórico.

Txai, que no dialeto dos índios kaxinava quer dizer amizade, parte do ser, é aberto com um solfejo de Milton Nascimento. O tema foi composto especialmente para o Ballet David Parsons, com uma proposta de melodia de curvas bruscas, enquanto David Kopenawa Yanomami faz um discurso, em sua língua, protestando contra a ação do homem branco. Um pouco mais adiante, quem fala é o ator norte-americano River Phoenix (de *A Costa do Mosquito* e *Fica Comigo*), num libelo contra o progresso destruidor, sobre uma melodia improvisada e interpretada pelo índio Tsaqu Waiápi.

São os únicos momentos panfletários do disco, um deslize perdoável que é recuperado logo com a força das canções e da poesia clara e transparente da narrativa. A faixa-título é um exemplo, quando Milton Nascimento tece uma melodia indolente enquanto a percussão bate firme, decorada pelo baixo insinuante. A letra é singela ("Txai é quando sou o teu igual/ Dou o que tenho de melhor/ E guardo o teu sinal"), canta ele pelas palavras de Márcio Borges. Milton, que vinha se exercitando como ótimo letrista em seus últimos discos, não fez nenhuma das letras deste novo disco.

Nas outras canções a música dos índios também influi. Em algumas somente as letras revelam a preocupação silvícola, já



que os temas são mais livres. É o caso de *Benke*, uma canção de melodia simples em homenagem a um curumim do povo kampa que Milton canta em dueto com o menino Leonardo Bretas, numa das lembranças que ele trouxe de sua

viagem de 18 dias entre Cruzeiro do Sul, no Acre, e a fronteira do Brasil com o Peru. *Sertão das Águas* é uma das melhores canções de Milton Nascimento nos últimos anos e que exige dele uma interpretação magistral, alternando o falsete com sua voz metálica. A música é uma homenagem a quem vive de atividades extrativistas sem destruir a natureza, uma defesa aos seringueiros, açaqueiros e castanheiros da Amazônia: "Sertão canoas das populações ribeirinhas/ Que vivem dos frutos da mata e que não podem/ A floresta ver destruída", canta ele.

A influência da música primitivista aparece mais claramente em *Que Virá Dessa Escuridão?*, que tem a marcação marcial do som dos chocalhos amarrados nas pernas na primeira parte, onde a melodia assume caráter secundário; em seguida, o canto lento toma o lugar da percussão entre as questões propostas pela canção.

Sertaneja também é *A Terceira Margem do Rio*, uma pequena obra-prima assinada a quatro mãos por Milton Nascimento e Caetano Veloso, que recebeu uma instrumentação encorpada, arranjada por Wagner Tiso. A letra é claramente influenciada por Guimarães Rosa, com toques onomatopéicos que ressaltam o aspecto rítmico. (Paulo Pestana)

Milton tira o boné para o som indígena

Dezoito dias de viagem pelo interior da Amazônia resultaram no 25º disco de Milton Nascimento. *Txai* tem a bênção dos espíritos da selva

Paulo Pestana
Especial para o CORREIO

O País pode estar em momentos difíceis, mas nem isso faz com que o cada vez mais internacional Milton Nascimento continue se apaixonando pelos brasileiros. Preparando-se para mais uma excursão a Porto Rico, Estados Unidos e Canadá, Milton Nascimento está lançando seu 25º elefê, que foi batizado de *Txai*, uma viagem sonora ao Brasil silvícola, resultado de um passeio de 18 dias pelo interior da Amazônia.

"O que mais me impressionou na viagem foi o povo. É um pessoal de uma inteligência, uma sagacidade e tenacidade incríveis. São todos poetas natos — falam de coisas alegres e de coisas tristes com poesia", conta Milton Nascimento. "Esse povo não tem medo de nada e isso se reflete no modo de eles encararem as coisas: — não têm medo de morrer, de amar, de tudo, da amizade. São valores que o pessoal das cidades perdeu há muito tempo, se é que já teve algum dia," conta ele entusiasmado.

Txai é um disco feito de impressões. Assim que chegou de sua viagem pelo rio Juruá, Milton Nascimento procurou os amigos para contar os detalhes, as conversas, as lembranças. Os amigos, não por acaso são os parceiros e Márcio Borges, Fernando Brant, Caetano Veloso e Ronaldo Bastos, fizeram dos relatos canções. Generosidade de Milton:

"Eu tinha tanta informação que fui

contando para os amigos, passando tudo para estas pessoas, enquanto me dedicava mais à parte musical do disco, ouvindo fitas e compondo", o que explica a ausência de letras suas. Foi, segundo Milton, um processo "muito conversado, de troca de impressões; quando não ficava bom a gente voltava, conversava de novo, e as canções foram surgindo," conta ele.

Com Caetano Veloso, co-autor da bela *A Terceira Margem do Rio*, o processo foi um pouco diferente. "Quando eu acabo de compor uma música, já sei para quem eu vou dar para fazer a letra. Eu já tinha feito a música pensando em Guimarães Rosa, que saiu pelos sertões de Minas conversando com as pessoas, e tinha decidido que ela ia se chamar *A Terceira Margem do Rio*, que é o título de um conto dele". "Na época o Caetano estava na Bahia e a gente conversou pelo telefone, mandei a música e ele fez a letra," simplifica.

Muita informação — A quantidade de impressões registradas por Milton Nascimento em seus 18 dias de selva foi tão grande que ele considerou o espaço do disco pequeno. "Não sei como vou colocar isto para fora agora. Pode ser que seja nos shows, não sei. Tinha muito mais coisas para colocar no disco", diz ele. "Algumas das canções ouvidas nestas fitas foram regravadas por uma equipe que o cantor enviou depois para o Norte do País, carregando um estúdio de 16 canais para registrar o canto dos índios."

Milton já tinha alguma informação musical sobre os índios e o povo da Amazônia, mas revela que recebeu um farto material da Aliança dos Povos da Floresta. "Foram várias fitas que eu ouvi muito assim que voltei da viagem," diz ele. "Algumas das canções ouvidas nestas fitas foram regravadas por uma equipe que o cantor enviou depois para o Norte do País, carregando um estúdio de 16 canais para registrar o canto dos índios."

O cantor considerou importante também colocar depoimentos no disco. "Eu queria apresentar diversas pessoas falando, mas só duas entraram por problemas de espaço. O David Yanomami entrou por motivos óbvios e o River Phoenix entrou guiado por meu sexto sentido," conta ele. Sobre River Phoenix, ator norte-americano, Milton Nascimento não esconde a admiração: "Eu não o conhecia, só tinha visto em filme, quando fiz a canção para ele. Mas depois eu soube que ele batalha pela ecologia desde os sete anos de idade, não veste roupas de couro, não come ovo, carne, leite, peixe e abandona qualquer coisa pelas causas ecológicas," diz.

Músicos brasileiros — Neste novo disco, Milton Nascimento dispensou os músicos americanos que vinham aparecendo nos últimos elefês. Só músicos brasileiros aparecem na ficha técnica, o que não tem a ver com a proposta nativista do disco. "Eu estou trabalhando com um pessoal que atende todas as minhas expectativas, seja como músicos ou como pessoas. A gente tem feito quase tudo junto," diz o cantor.

Mesmo assim, a carreira internacional continua. Na próxima semana Milton Nascimento faz uma turnê de 18 shows em Porto Rico, Estados Unidos e Canadá. No bolso do colete também está prevista uma participação no novo e esperado disco de Paul Simon, com quem tocou no disco *Yuarete*.

Mas isto não deslumbra mais o mineiro Milton Nascimento, que volta a falar do povo da Amazônia. "Fui ultrabem-recebido. Sempre parava para conhecer as populações ribeirinhas, e muitas vezes as pessoas nos presentavam com o que elas tinham de melhor". Eles sabiam que eu era cantor, mas não tinha aquela coisa de ser o Milton Nascimento. Eu cantava para eles e eles cantavam para mim."